

GAZETA D'ANGEJA

(SEMANARIO)

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Anno 1\$500, 8 mezes 1\$000, 4 mezes 500, Brazil 3\$000 reis. — Numero avulso no proprio dia 20 reis. Passado o dia 40 reis.

Redactores — RICARDO M. NOGUEIRA SOUTO e A. LEÃO MARTINS

Administrador — SEBASTIÃO CORREIA DA COSTA

ANNUNCIOS E COMUNICADOS

Por linha, 40. Repetições, 20. — Os snrs. assignantes tem 25 por cento de abatimento.
Redacção — Rua dos Caldeiros, n.º 250

ANGEJA, 2 DE NOVEMBRO DE 1887

SUMMARIO

Expediente.
Subscrição.
Aveiro e a familia real portugueza.
Juiz de paz em Angeja.
O quanto pode o patriotismo e a força de vontade — Um exemplo edificante em o nosso districto.
Chicoteando.
Correspondencias.
Noticiario.

SCIENCIAS E LETTRAS

A Escola (prosa) D. Antonio da Costa.
A Joia (conto) A. Leão Martins.
A morte de Camões (soneto) Joaquim de Lemos.
O teu livro (poesia) D. Isabel Ferreira.
Horas vagas — Narciso d'Albuquerque.

EXPEDIENTE

Pedimos a todos os nossos assignantes do concelho d'Aveiro a finese de enviarem a importancia da sua assignatura á rua do Espirito Santo, n.º 26, ao ex.º snr. José Martins de Pinho, que faz a esta redacção o obsequio de alli receber o dinheiro; e aos nossos dignos assignantes do concelho d'Estarreja pedimos tambem o favor de enviarem o importe das suas assignaturas ao ex.º snr. Antonio Caetano Lopes da Fonseca, que de bom grado recebe essas importancias.

SUBSCRIÇÃO

A redacção d'este jornal resolvendo tomar a iniciativa da compra de candieiros para a iluminação publica de Angeja cuja falta se revela constantemente por actos inconvenientes e muitas vezes funestos, appella para o patriotismo dos filhos da nossa terra, residentes quer no Brazil quer em Lisboa, ou mesmo em Angeja, afim de que subscrivam para este melhoramento com a quantia que seja permitido ás forças de cada um.

Subscriptores:

A Redacção 4\$500 reis
Manoel Armenio Rodrigues. 9\$000 »
Manoel Nogueira da Silva . 2\$500 »

AVEIRO E A FAMILIA REAL PORTUGUEZA

(Do nosso corresp. n'aquella cidade)

Um bello dia de outubro, quente e suave, consolador e alegre, feliz como a anjorinha, doce como um trinado! . . .

Cheio d'esses mil perfumes que poetizam e inspiram, d'esse immenso oceano de sorrisos com que as auroras d'Aveiro costumam despertar o ceu, d'um profundo azul carregado, com sombriados de passada tella escura e vastos listrões de cambraia, ondulações de espuma alva, como o luar, permittia á cidade levantar-se feliz, orgulhosa mesmo, ao som dos festivos repiques de sinos, da grita dos clarins e salvas da artilheria.

O sol dormitava ainda; revolviam-se na somnolencia d'uma noite mal passada, como a creança que, vagamente, desperta d'um somno mal dormido e esfrega as orbitas pequenitas, cansadas de sorrir pelas vastas regiões dos sonhos.

Andavam então já no ar a musica das aves e a perfumada exalação das flores. As pombas furtavam-se á solidão dos caseas, tepidos ninhos d'amor, e corriam em revoadas, aos pares, n'umas espiraes formosas, por esse immenso mar azul do espaço n'uma festiva serena de creanças. Não faltavam sorrisos e alegrias, e parece até que a propria natureza se comprazia em espargir encantos sobre as bellezas com que lhe aprouve dotar a nossa pequenina terra.

El-Rei visitava-a; com elle vinha o anjo protector dos portuguezes, o Anjo da Caridade, a snr.ª D. Maria Pia de Saboya; Aveiro vestia galas, tudo lhe parecia pouco para recompensa a tamanha honra, a tão subido favor, para, em summa, não faltar ao mais pequeno dever de cortezia.

Aveiro deve muito á corôa. Cobrou uma divida agora.

Quando em 76 as inundações lhe arrazavam o Rocio, roubando aos pobres todos os seus haveres, assaltando lhe os lares como o ladrão, como um bandido, a rainha, essa alma delicada, feita de luz e de perfumes, trocou o seu manto de arminho pelas azas candidas d'um anjo do Senhor, e vòu á cabeceira de todos, deixando aqui esmolas avultadas, acolá bençãos celestiaes, alli sorrisos consoladores, alem perfumes divinaes, formados da mais assignalada nobreza christã.

Aveiro sabe bem que tenebroso quadro de devastações e de miserias presenciou. Pobres sem arrimo, creanças sem amparo, cadaveres aboiados na corrente, o desespero em muitos, o desalento em todos. Lamentações por toda a parte, gritos de moribundos, muitas lagrimas perdidas n'aquelle mar d'angustias, a desgraça batendo a todas as portas, enchendo de luto a orphandade, muitos anjos pequeninos. . .

E a snr.ª D. Maria Pia furtava-se ao delirio da vida palaciana, occultava-se aos ruidos de admiracão que de toda a parte enchiam de bençãos o seu nome piedoso, para socorrer os infelizes com os rasgos extraordinarios d'aquelle coração magnanimo.

Travou a lucta da philantropia derrotando em toda a linha esse poderoso inimigo que levava nas vozes da tormenta o

seu pregão de guerra, destruindo, derribando, aniquillando a fortuna de muitos desgraçados.

Occultava-se nas sombras da noite para que lhe não vissem as azas brancas, e, voando de casal em casal, poisando, como a pomba de misericordia, ao canto da lazeira escurecida, deixava no regaço dos pequeninos a vida, as flores, a luz, as esperanças.

Assim, a rainha levantou aqui um altar em cada peito, um throno em cada coracão portuguez.

O rei é d'uma consciencia recta, d'um elevado character nobre e piedoso como a gentil esposa, e o nosso povo quer a ambos com essa ardencia d' affectos que nenhum affecto eguala.

Os seus conselheiros d'agora, os seus ministros, teem feito por sua parte quanto em suas forças cabe para mais consolidar, para mais arreigar este affecto ao throno.

O que as festas de Aveiro traduzem, pois, em toda a sua grandeza, em toda a sua plenitude, é o contentamento que em todos lavra pela quadra de paz em que tem estado e de progressos que tem feito desde a entrada no poder do novo gabinete.

A admiracão pelas virtudes dos seus monarchas, ao respeito que lhe merece a corôa, Aveiro juntou o muito que deve tambem ao governo progressista, e levado por estas duas considerações poderosissimas, esforçou-se quanto ponde por merecer tão grande honra, e por certo a mereceu, pois nada faltou ao complemento de tão agradável tarefa.

O que se fez em honra dos monarchas, o que foi esse dia para todos nós, todos os collegas do Porto e Lisboa o disseram já. Repetil-o aqui é certamente desnecessario, mesmo porque o tempo e o espaço nol-o impedem. No entanto, fal-o-hei resumidamente, não me detendo com a nomenclatura das pessoas gradas que vimos n'esta cidade.

Aveiro ainda traja de gala!

A visita de SS. MM. e AA. a esta cidade foi um facto que ficará perpetuado na memoria dos aveirenses. A recepção foi, talvez a mais imponente que se tem feito aos reaes viajantes, pois que todos foram unanimes em acclamar entusiasticamente a familia real portugueza, e as demonstrações de regosijo ultrapassaram o delirio.

O dia 28 de outubro, designado para a visita real, tornou-se o mais ameno em todo o mez; a sua temperatura era tepida e a natureza ostentava-se risonha.

A's 8 horas da manhã já mal se podia transitar pelas ruas da cidade com a aglomeração de gente de todas as classes que, á maneira d'um formigueiro enorme, se dirigia para a estação do caminho de ferro, A gare, e todo o recinto da estação estava apinhado d'altos funcionarios, titulares, cavalheiros de todas as côres politicas e forasteiros que ansiosamente esperavam a chegada do comboio que conduzia SS. MM. e AA. Finalmente chegou o objecto desejado. Assim que o comboio entrou n'as agulhas, ouviu-se o estalar dos foguetes, repique dos sinos, vertiginosas acclamações, mais de 14 philarmonicas tocando o hymno real, finalmente um entusiasmo indescriptivel.

Apenas desembarcaram SS. MM. dirigiram-se para a sala de recepção, que estava luxuosamente adornada de damasco e docel franjado d'ouro; á entrada, quatro anjos elegantemente vestidos, deitavam flôres. Feitos os cumprimentos do estylo, seguiu o cortejo pelas principaes ruas da cidade em direcção ao convento de Jesus, onde SS. MM. foram recebidas pelo snr. Bispo Conde que officiou no *Te-Deum*.

Terminada a cerimonia, dirigiram-se debaixo do palio para o portão que dá entrada para o interior do convento; á porta estavam todas as religiosas, que patentearam a SS. MM. todas as maravilhas d'arte que alli existem, entre ellas o precioso tumulo de Santa Joanna que os fez extasiar e deixou commovidos, diante do qual S. M. a rainha fez uma pequena oração.

D'aqui seguiram para o Gremio Aveirense, que servia de Paço. Este edificio é de aspecto regular e o interior estava ricamente adornado. A guarda d'honra era feita pelo regimento de cavallaria 10 e infantaria 23 com as suas bandas, que tocaram durante o almoço.

Terminado este, á 1 hora effectuou-se o embarque do passeio fluvial que foi imponente, maravilhoso. Quando o brigantim real singrava o caes, seguiam mais de duzentos barcos de todos os tamanhos, que enfeitados de flumulas, galhardetes e corôas de rosas, produziam um effeito deslumbrante.

O povo formava uma grande massa, no local não se podia transitar, e até ás piramides, ladeando o caes, um tumulto enorme sempre em acclamações ruidosas e espontaneas.

As philarmonicas surgiram de todas as partes e as que não acompanharam o flotelha executaram magistralmente algumas peças no local do embarque.

Quando no regresso se aproximava do caes a flotilha, já o povo se agitava de todos os lados. O estalido dos foguetes, os repiques dos sinos, as harmonias musicaes, tudo emfim annunciava o desembarque que foi uma verdadeira maravilha do bello e encantador.

Em todos os rostos se via um sorriso agradável de satisfação. Ficaram bem impressionados SS. MM. com o passeio. Em seguida dirigiram-se para o novo quartel, quasi construido, que estava vistosamente embandeirado.

Na esplanada erguia-se um arco triumphal com a seguinte legenda:—A SS. MM. e AA. os operarios do quartel.

Quasi á noite regressou ao edificio que servia de Paço. Não chegou o tempo para visitar o lyceu que estava lindamente embellado no atrio superior e frente. As salas estavam preparadas para dignamente entrar n'ellas SS. MM. e AA. Ao fundo da bibliotheca destacava-se o busto em gesso de D. Luiz I. N'uma das mezas, a mais espaçosa, coberta com um panno azul, estava um tinteiro de prata com penna d'ouro para D. Luiz abrir com a sua assignatura um livro destinado para n'elle se inscreverem os nomes dos visitantes.

Este livro é luxuosamente encadernado e com folhas douradas. Pena foi que SS. MM. não visitassem este estabelecimento scientifico porque haviam de encontrar ali a melhor ordem e acção para o progresso litterario dos alumnos.

O jantar começou ás 8 e meia da noite e a essa hora já quasi todo o caes estava

illuminado. Fallando da iluminação não tenho termos para descrever aquelle espectáculo verdadeiramente phantastico. O reflexo de milhares de luzes em ordem nas aguas do caes era d'um effeito surpreendente. Ninguem dizia ter visto coisa igual. Terminado o jantar SS. MM. foram apreciar a iluminação que os encantou igualmente e ficaram muito commovidos com a maneira como os aveirenses manifestaram o seu amor á familia real.

JUIZ DE PAZ EM ANGEJA

Voltamos a este assumpto, que, como já noticiamos, é no dia 6, domingo proximo, que se realisa em Angeja a eleição do juiz de paz.

E' preciso que os nossos amigos e correligionarios mostrem que em occasião opportuna a união e dedicação são mais firmes e que a lealdade partidaria está acima de tudo. Já que o sr. João Maio deseja ser o juiz, seja-o porque tem direito a isso, direito que ninguem poderá contestar.

Nós o que queremos e sempre desejamos, é que o logar seja servido com desassombro e dignidade, isto é, que não morra de descredito ao nascer, nem envergonhe o seu instituidor.

N'isso iria o prejuizo de todos nós. Por isso desejamos alli pessoa que resolva de prompto e bem as dificuldades que de todos os cantos devem surgir, dificuldades que ainda incommodarão bastante e que são maiores do que á primeira vista parecem.

Ficando eleito juiz, o sr. João Maio, como quasi certo, cremos que elle se esforçará por procurar empregar todos os meios precisos para desempenhar na devida altura aquella missão bastante espinhosa. cremos que assim procederá, porque, sendo elle um dos homens da Angeja que bastante tem trabalhado pelo bem da freguezia, e por isso tem mostrado todo o interesse, terá todo o empenho tambem em tornar util e civilisadora aquella instituição, que muito pode concorrer para normalisar e levantar o nivel moral e social em Angeja se for bem executada.

E sendo assim pode contar o sr. João Maio com o nosso applauso, assim como o teria outro qualquer que occupasse esse logar se procedesse bem.

Para louvar ou censurar não nos importa saber a que politica pertence, mas sim se procede bem ou mal. E com isto teremos ao menos o applauso das pessoas sensatas.

O quanto póde o patriotismo e a força de vontade — Um exemplo edificante em o nosso districto.

Quando um povo, ainda que pequeno, tem a clara comprehensão do que é o progresso e das vantagens que d'elle dimanam; quando conhece que da união nasce a força e que essa força dirigida por uma vontade firme e intelligente póde superar grandes difficuldades; quando esse compenetrado de todas estas verdades se lança no caminho do trabalho e porfiosamente procura transformar e melhorar as suas commodidades e bem estar commum, esse povo merece e deve ser louvado, admirado, respeitado e imitado.

Referimo-nos a uma terra muito pequena, Santhiago de Riba Ul, proximo de Oliveira d'Azemeis. E' uma freguezia pequena, que possui menos de 300 fogos. E' inacreditavel o que em menos de meia duzia de annos tem feito este punhado de gente e que para assombro de todos eu passo a referir: Tiraram uma subscrição entre si por meia duzia de irmãos que trazem no Brazil e fundaram duas casas de escola, uma para cada sexo, e fizeram com o unico auxilio da parochia um bocado de estrada que liga esses edificios á estrada que vem do Porto. Tiraram outra subscrição e fizeram um esplendido cemiterio em optimas condições com a competente capella.

Fundaram um Associação de Soccorros Mutuos, que fornece medico, remedios e meios de subsistencia aos pobres impossibilitados. Tem aberta uma grande subscrição para mudarem, isto é, construir de novo em outro local uma igreja. Tencionam fazer uma ponte sobre o rio Ul para a qual já ha algum dinheiro. Em conclusão, nem sequer um theatro lhes falta! Note-se, para isto tudo só tem concorrido a gente da terra e a parochia! Quando se trata d'uma subscrição para qualquer melhoramento, o fidalgo, o lavrador, o artista, o brasileiro, tudo subscreve fervorosamente.

Em Angeja o que se tem feito as diferentes juntas de parochia? Nada; ou tolices ou sustentar caprichos e vaidades, ou melindrarem-se com coisas insignificantes e mesquinhas, represando muitas vezes melhoramentos de grande necessidade.

Todos desejam as coisas feitas, mas poucos querem aventurar um passo, um bocado de tempo ou um vintem para o bem estar commum. E quando alguém offerece alguma quantia não se aproveitam d'ella. Agora está aberta uma subscrição para a compra de candieiros. Veremos como se portam e o interesse que mostram pelo progresso da terra. E' uma occasião para conhecermos a vontade. Poucos poderão dizer que não podem, porque senão derem dez, deem cinco ou tres.

CHICOTEANDO

Um sujeito qualquer que afivela na cara a mascara de «Livio Dejalma» e que é o correspondente d'Aveiro para a «Voz d'Estarreja» fingiu-se muito molestado com umas verdades d'um artigo que n'este jornal escrevemos intitulado «Real visita a Aveiro» e a pretexto d'isso, nos applica todos os epithetos feios, que tem colhido do seu dicionario da má lingua e da sua longa pratica de insultador immundo e de calumniador das pessoas sensatas e de educação. Principia por censurar nos asperamente, frisando muito a censura, pelo facto de a «Gazeta d'Angeja» ser impressa no Porto, esquecendo-se de nos apontar os gravissims inconvenientes d'esse facto, ignorando que se imprimem no Porto jornaes de maior vulto que o nosso, como são o «Progresso de Vieira» que sae um dia outro não; o «Intransigente» da Regoa que é bi semanal; o «Imparcial de Viana» (já acabou); a «Estrella de Caminha» impresso em Valença; o «Penamacorense» na Guarda; a «Revista de Guimarães» no Porto; o «Ovarense» e o «Povo de Ovar» a principio ambos impressos no Porto, etc.

Não nos frisarã bem assim como frison a censura, os immensos prejuizos e desvantagens que advem de ser o jornal impresso no Porto, Braga ou Lisboa, quando esse jornal traga as noticias mais palpitantes da localidade e defenda os interesses da terra? E de mais, sendo este jornal semanal, e meio litterario e d'uma distribuição muito mais restricta do que possuem muitos d'esses da provincia que no Porto se imprimem? Ignora v. as difficuldades que tem havido lá pela «Voz» por possuir typographia e respectivos empregados?

Vã notando que até foi infeliz na primeira *escoicinhadella*.

Transcreve as seguintes palavras do nosso artigo:

«Está prestes o dia da real visita á capital do nosso districto. E' uma deferencia de suas magestades e altezas ao nobre presidente do conselho, sr. José Luciano de Castro.» Isto aprecia v. dizendo que ou eu perdi a razão, ou é uma bajulação immunda. A onde está escondida essa bajulação? E pode ser considerado bajulador quem no numero 16 d'este jornal se manifestava abertamente contra uma medida do mesmo sr. José Luciano de Castro, no numero 14 contra o sr. ministro da fazenda e ultimamente tem censurado rigorosamente o procedimento dos seus correligionarios em Angeja?

V. dá-me direito a dizer-lhe que não sabe o que é bajulação immunda, ou então é idiota, porque emprega palavras sem

nexo e sem oportunidade. Foi mais uma *patada* que por felicidade não apanhou ninguem.

Continuando v. a fazer transcrições do nosso artigo em que nos referiamos ao sr. José Luciano apresenta: «... d'esse trabalhador incansavel que o nosso districto se ufana agora de receber porque é o seu filho mais dilecto».

A esta transcriçõesinha refere-se v. nos seguintes termos:

«Quem lhe affirma que elle seja o filho mais dilecto do districto? Então, pelo que vemos, só o dito senhor é capaz de ser o mais querido, os outros para nada prestam, de nada servem, é melhor deital-os ao mouturo, porque são podridões que enfastiam!»

Então v., seu pandego, não quer admitir o sr. J. Luciano como o mais querido e mais illustre do districto e esquece-se assim de nos indicar quem considera em primeiro logar, porque desejavamos ouvir a opinião de v.

Do facto de eu colocar o sr. J. Luciano no superlativo relativo dos cavalheiros do districto, conclue v. «que em vista d'isso os outros para nada prestam, de nada servem, é melhor deital-os ao mouturo, porque são podridões que enfastiam!»

Oh ignorante desgraçado, não te vexas, não te somes pelo chão dentro de vergonha por tirares d'essas conclusões? Então immediatamente abaixo do superlativo de superioridade está logo o infimo, o desprezível! Bem mostras a tua ineptia adotando terreno tão falso para tão arrojadas manobras. Logo se depreheende que, habilitando v. algum beco da rua das Pescadeiras, vá de manhã cedo aprender o palavriado e a logica ao *mercado do peixe*. Pelo artigo de v. rapidamente transparece o quanto é curta a sua instrução e criterio, e calumnioso o seu espirito e abjecta a sua educação.

Mais adiante classifica de *grandissima asneira* o facto de eu ter empregado o termo *confraternisado* concordando com povo e magestades. Diz v. que esse termo só é applicado entre irmãos (filhos do mesmo pae). Então o rei ou os representantes da monarchia, vindo ao meio do povo tomar parte nas mesmas festas, nas mesmas manifestações, democratizando-se com o povo, e aceder aos seus desejos, não é confraternisar-se com elle hein?

Ainda era preciso mais esta *raia* para v. nos provar que, se fez exame de instrução primaria e ficou bem, precisavam os seus examinadores de meia duzia de palmatozadas por o deixar passar. E é um sujeito n'este estado que nos disse no seu artigo que nós eramos principiantes (é uma verdade) e que a elle lhe tinham encanecido os cabellos nas lides jornalisticas! Ah! que arrastada está a missão da nos-a imprensa!

E encontra-se d'isto no chamado seculo das luzes! Naturalmente v. foi ser jornalista, soletando ainda, não? Ainda assim pouco tem melhorado em tão longa carreira de aprendizagem.

Mostra que possui muito pouco phosphoro e grande abundancia de tecido conjunctivo por meio do *encephalo*. D'isto não tem v. culpa, mas escusava de ser tão atrevido e malcreado.

Mais adiante transcreve-nos o seguinte periodo:

«E' tambem uma lição frisante para essas senhores que se acham á frente d'esses jornaes, que entendem que fazer opposição, é estar no uso constante da má lingua, desmentindo a sua educação, e caluniar a todo o transe, as pessoas que constante os estão beneficiando.»

A proposito d'este periodo atira-nos com todas as palavras mais feias e calumniosas que póde encontrar no dicionario!

Naturalmente serviu-lhe a *carapuça*. Ficou bem tãhada sem duvida e o ingrato insurge-se contra o artista que lhe apresenta a roupa tão bem feitinha. Ingrato!

Logo em seguida affirma o marmarço que nós andamos com isto para questões de *arranjos* que bem sabe *andam no ar*.

Anda no ar a conclusão da nossa carreira scientifica que esperamos conseguir por meio do nosso trabalho honrado e nobre, e, com os pergaminhos d'esse trabalho, ir depois na sociedade lutar por uma sustentação igualmente nobre e digna

Mas se v. conhece que algum *arranjo anda no ar*, desembuche breve, nada receie, concretize as suas asserções e justifique-as.

Terminando, o *insigno ancião* assevera «que nós não somos sensatos nem dignos, pois que nos tínhamos apresentado imparciaes no primeiro n.º do jornal e depois nos fizemos ministeriaes.»

O *homensinho* completou-se. Só faltava esta para tambem ser um grande mentiroso, como pode verificar relendo o artigo-programma.

Vou terminar fazendo notar que no primeiro numero do nosso jornal declaramos que não seguiriamos o caminho da má lingua no decurso d'esta tarefa, nem jogariamos a arma da calumnia contra ninguem, porque presamos a educação que temos, e que nos tem custado bom dinheiro e o melhor tempo da nossa mocidade. Tem-o feito até aqui e esperamos continuar imperturbavelmente esta marcha normal e applausivel. Se hoje e só hoje nos desviamos um pouco, o que não mais faremos quando depararmos com sujeitos tão repugnantes, é por dois motivos: Primeiro, por consideração a alguns assignantes pouco lucidos communs á Voz e á Gazeta, que ficariam indecisos perante essa massa enorme de improperios e de calumnias, que v. teve o atrevimento de me dirigir sem eu bolir comsigo. Segundo, para provar a v., como provei, que o não temo e que o puz a escorrer sangue e a suppurar essa imundicie de que v. estava saturado, e indical-o á opinião publica como um ente repugnante e imbecil, para ella, como juiz supremo, lhe escarrar na cara e enrolar-lhe ao pescoço um chicote e arrastalo para o esterquilinio onde provoquo uma subita aparição e facil reprodução de vermes. E como debaixo do pseudonimo de «Livio Dejalma» se pode acobertar um homem honrado (o que não acredito) ou uma creatura vil, asquerosa, malvada, ou algum assassino, quem sabe? Vou já fechar-lhe precipitadamente a porta na cara. Rua, rua, rua.

Correspondencias

Albergaria, 30 de outubro de 1887

Escrevo lhes sob a impressão muito agradável que nos deixaram os festejos, que tiveram logar em Aveiro, em honra de SS. MM. Estiveram realmente á altura de tão illustres personagens.

Por aqui, assim que constou que S. M. visitavam Aveiro, manifestou-se logo o desejo de se alugarem carros e carretas, o que effectivamente se fez, faltando assim á ultima hora meios de transporte para muitas pessoas que anciavam ver SS. MM., bem como assistir aos ruidosos festejos com que os aveirenses recebiam os seus amados soberanos. E assim foi que muita gente, que podia ir de carro, não o ponde conseguir, resolvendo ir a pé, o que prova o entusiasmo de que todos estavam dominados pelo acontecimento que ia ter logar em Aveiro.

Entre as pessoas que foram, lembramos de ter visto as seguintes:

Bernardino Maximo d'Albuquerque, digno presidente da camara, o vice-presidente, Clemente de Sousa e Mello e vereador Patricio Theodoro Alvares Ferreira; dr. Joaquim Antonio d'Almeida Miranda, administrador do concelho; dr. Vicente Carlos de Sousa, José Luiz Ferreira da Silva, escrivão da camara; Manoel da Maia Mendonça, secretario da administração; José Augusto d'Almeida Mirand, Joaquim Moreira da Silva, Victor, commissario de policia de Beja e João Rodrigues Ferreira da Silva.

Tambem foi a philharmonica, que mais uma vez revelou os seus dotes artisticos, executando difficeis trechos d'opera, sob a magestral regencia do sr. Pinheiro, agradando por isso muitissimo aos *dilettanti* da divina arte de Rossini, Verdi e tantos outros maestros presentes, preteritos e futuros.

Em conclusão direi que todos voltaram muito satisfeitos, e agradabilissimamente impressionados, aquelles que, como eu, tomaram parte no passeio fluvial, por

certo a parte mais interessante dos festejos.

Tem passado muito incommodado da saúde o rev. João Fortunato José d'Almeida, sacerdote muito illustrado e virtuoso. Sua senhoria foi ha tempos acommettido d'um ataque apoplectico que o prostou no leito da dôr, tendo desde então o seu estado de saúde passado por diversas phases. Deus lhe dê prompto restabelecimento.

Terminou o serviço de inspecção directa dos predios em duas freguezias do concelho com resultados satisfatorios, segundo nos consta, já para a fazenda, já para o contribuinte.

Não era de esperar outra cousa, visto as commissões das mesmas freguezias serem compostas de homens competentes pelo conhecimento que tem das coisas agrarias.

Por hoje mais nada.

A

Noticiario

«Correio d'Aveiro». — Este nosso illustrado collega, fazendo largas considerações a proposito do nosso artigo de 19 de outubro, «A real visita a Aveiro», tira algumas illações que embora não concordemos com ellas, fal-o ao menos com tanta prudencia e cortezia que bem prova a sua illustração.

O mesmo não aconteceu com o correspondente d'alli para a «Voz d'Estarreja», que tivemos hoje de o apresentar á indignação publica.

Dr. Albino Montenegro. — Foi muito concorrido, segunda á noite, no Porto, o funeral do sr. Montenegro, governador civil d'aquella cidade. A cerimonia religiosa foi modesta como o tinha determinado nas ultimas disposições o falleque sempre timbrára em se dispir de grandezas e de galas por não se harmonisar com o seu grande espirito. Mas quasi toda a cidade foi prestar a sua ultima homenagem ao cidadão illustre, ao character elevadissimo cuja perda o Porto e o partido progressista hoje deplora.

Governador civil do Porto. — Falla-se para occupar este cargo, no sr. Simões dos Reis, deputado por Oliveira d'Azemeis ou o sr. Arnaldo Braga.

Dr. Augusto de Castro. — Regressou ao Porto, vindo de Angeja, onde esteve dois dias, este cavalheiro e s. exc.^{ma} esposa.

Alberto da Rocha. — Está quasi restabelecido da doença grave que teve no Porto, este nosso amigo e collaborador d'este jornal. Estimamol-o sinceramente e oxalá em breve o possamos vêr por esta redacção.

Novo centro politico. — Sob a presidencia do sr. conselheiro Barjona de Freitas, servindo de secretarios os snrs. dr. Wenczlau de Lima e dr. Ricardo Jorge, inaugurou-se na segunda-feira passada este centro politico no Porto.

São pelo menos cinco os lentes da escola medica do Porto que já se acham filiados n'aquelle partido. Pertence ao mesmo grupo o sr. dr. Vasques de Mesquita.

Boa pitula para aquelles que dizem que o sr. Barjona não fez falta ao partido do sr. Serpa:

Ristori. — No seu livro de memorias, publicado ultimamente em Paris, a tragica Ristori refere-se a Portugal de um modo muito amavel. Conta as impressões das suas viagens artisticas pelo nosso paiz, e refere minuciosamente uma originalissima representação da «Medea», dada pela grande tragica no theatro Academico de Coimbra. Diz a artista:

«Fui recebida no theatro por todo o corpo academico, decano e professores á frente, e estou vendo ainda o costume tão pitoresco d'esses rapazes que parecem arrancados d'uma tela da meia idade. Trazem uma sobrecasaca abotoada no peito e cain-

do-lhes quasi até aos pés; calções curtos, um collarinho branco direito, tudo coberto por uma ampla capa. Os seus gorros dantescos, carregados sobre os seus grandes olhos tão negros como o fato, acabavam de dar a todo esse cortejo um aspecto severo.

A *mise-en-scène* da «Medea» apresentava difficuldades insuperaveis no caso particular em que eu ia representala. Os estatutos regulamentares da Universidade prohibiam a presença de comparsas femininas. Como representar então as scenas em que as *Canéforas* são indispensaveis? N'este embaraço, os estudantes propoem-me um expediente digno da sua effervescente imaginação! Offerecem-se para se disfarçar em jovens aias de Creusa. A proposta parecia-me arriscada, na presença das longas barbas negras que tinhamos admirado no cortejo, e de que eu não me atrevia a pedir o sacrificio. Nenhum outro meio se offerecia porém, e não havia remedio senão aceitar essas aias para Creusa! Aceitei a mascarada, correndo-lhe todos os riscos. A noite, encontrei um camarim preparado para mim e ornado tão elegantemente, que poderia servir de gabinete de *toilette* á mais exigente fidalga. Uma vez vestida, quando ia quasi a entrar para a scena, tornei a preoccupar-me com o effeito que produziriam, não só sobre o publico, mas sobre mim propria, as minhas aias barbudas, e apesar de lhes ter recommendado que escondessem a cara nos veus, achei prudente mandal as desfilarem diante de mim, antes de levantar o panno. Conservamos todos o nosso sério; mas quando vi as minhas *Canéforas*, que Creusa mandara orar no templo de Diana, sentarem-se galbardadamente, tão depressa acabam o seu papel, n'uma frisa e os seus veus levantados accenderem grandes *passatellas*, tive que fazer um esforço inaudito para manter a gravidade da situação.

Os maiores paizes do mundo — O maior paiz da Europa é a Russia, quer pela extensão, quer pelo numero de habitantes.

Tem de extensão 10 vezes mais do que a Alemanha, 60 vezes mais do que Portugal e 150 vezes mais do que a Belgica.

Habitantes, tem a dobro da Alemanha, 17 vezes mais do que a Belgica e 20 vezes mais do que Portugal.

Da Africa, o paiz mais extenso é o Congo, tanto em superficie como em população. Em superficie é 300 vezes maior do que Portugal; mas em habitantes, só tem 10 vezes mais do que o nosso reino.

Na Asia, o maior paiz é a China, que tem 120 vezes mais habitantes do que Portugal.

O paiz maior da America é a republica dos Estados-Unidos, que é 110 vezes maior e 12 vezes mais povoado do que Portugal.

A Nova Irlanda é o paiz maior da Oceania; mas sabe-se pouco da sua extensão exacta, assim como do numero de habitantes.

As mulheres—Um caso vulgar—Tomada do «Correio da Manhã».

«Apoz a tempestade, a bonança. As sr.^{as} Maria do Rosário Paschoal e Josephina dos Santos, moradoras ambas no sitio da Estrangeira, proximo ao casal da Pimenteira, enfureceram-se por tal forma uma contra a outra, que vél-as assim, o mesmo era ver o mar encapellado pelo nordeste rijo.

Depois de terem jogado a unhada e a dentada, e de se terem arrebellado como é dos livros em combates de mulheres, Josephina dos Santos — que melhor deveria chamar-se Josephina de Todos os Diabos — rapou de uma navalha e pretendeu com ella tirar as *ganas de comer* á contendor. Esta, porém, ponde segurar o *covarde instrumento* com as mãos desviando a sangria para os dedos que lhe ficaram em muito mau estado.

N'isto veio a policia e prendeu-as.

Mas o melhor da passagem

Foi que as duas,

Foi que as duas,

pouco depois de se acharem installadas na esquadra, fizeram as pazes, começando desde logo a elaborar o seu plano de defesa perante o tribunal que as hade julgar.

SCIENCIAS E LETTRAS

A ESCOLA

A escola antiga, abrindo as portas só ás classes ricas, representava a escravidão do pensamento. A escola moderna, a escola popular, representa a emancipação da natureza humana. Todas quantas reformas possam cahir em partilha a este seculo, todos quantos descobrimientos possam ter sabido do espirito dos homens, são nada em comparação com a escola primaria universal, redempção de todos e de cada um. A nova escola deixou de ser um effeito, para ser uma causa. Em vez de pallido reflexo da defeituosa organização social, é, pelo contrario, quem inspira a luz e encaminha o destino das nações.

D. Antonio da Costa.

A JOIA

A manhã estava limpida e deliciosa. Uma perfumada viração fazia oscillar levemente as açucenas. Trinados de avesitas saudavam o astro-rei que subia lentamente no céu d'uma limpidez profunda e ia estendendo o seu luminoso manto por sobre os vertices dos montes, doirando as franças dos arvoredos, beijando as azitas das borboletas e enxugando o calice das flores.

N'aquella manhã esplendida e suave, Julieta levantou-se madrugadora. O cantic das cotovias abriu-lhe o primeiro sorriso.

Correu o transparente da janella, abriu-a a todos os clarões do arbol matutino, recebeu os beijos da aragem e os cumprimentos dos passarinhos, e ficou-se a escutar todas as musicas do amanhecer do dia, muito alegre e sorridente, como se em sua alma tivesse cabido todo o azul purissimo d'um céu de primavera.

Assim, o sol entrou francamente, oscillou-a na frente e illuminou-lhe a alcova, — ninho de bellezas e perfumes.

Sahiu d'alli, foi abrir o piano, um bello piano d'Erard, e principiou a executar primorosamente uma deliciosa phantasia de Flotow, depois, delicados trechos de Mozart, Rossini e Verdi.

Depois trouxeram-lhe a «Joia»; uma pequenina revista quinzenal litteraria, de uma collaboração distincta, impressa em papel de luxo e digna de entrar em todos os *boudoirs* das suas gentilissimas leitoras.

Era o primeiro numero, que ella esperava ansiosamente porque sabia que uma affeição purissima que só ella podia inspirar, viria transmittida n'uns versos adora veis e suavissimos.

Levanta-se, pé ante pé, com um sorriso nos labios, o rosto illuminado d'uma alegria intima, apodera-se da «Joia», desce ao jardim onde o aroma rescendia nas brisas que rumorjavam no arvoredo, e as flores abriam ás caricias dos pequeninos insectos os seus calices frescos e assetinados.

Ahi, ao pipilar das aves, ao ramalhar da folhagem, ao palrar da agua que cae na ampla taça e que retrata o azul immaculado do ceu em seu crystal, abre o interessante jornal e, delicia-se com os primores da linguagem gravada em oito paginas rendilhadas de estylo florido; e ao deparar com uns versos muito perfumados de amor, primando pela belleza da concepção, — umas joias delicadamente trabalhadas — sorri deliciosamente, sente-se contente, vaidosa de se ver cantada, e experimenta uma profunda emoção, uma delicia intima que lhe alvoroca o coração, banhando-a d'um bem-estar indizível.

Leu-os, repetiu-os, decorou-os, e foi dizel-os, baixinho, com ternura, n'um intimo e doce recolhimento, junto da agua que cae na ampla taça e que retrata o azul immaculado do ceo em seu crystal...

E ao entrar na sua alcova, — ninho de bellezas e perfumes, murmurava ainda:

«Não sei se o sol és tu, se tu um sol».

(Da «Joia».)

A. Leão Martins.

A MORTE DE CAMÕES

Quando a sua alma casta, dolorida, Voou do corpo em busca d'outro céu, d'outra luz, outro amor, e d'outra vida, no olhar d'elle, como um tristonho véo,

estampava-se a morte compungida de tanta dor e magna que soffreu. — Ninguem que lhe escutasse a despedida! Ninguem que lhe enxugasse o pranto seu

e fosse mitigar essa agonia fallando-lhe dos olhos bons celestes, de Nathercia a quem tanto elle queria!

Homens, porque razão tão mal fizeste? — «Bem puderas ó sol da vista d'estes teus raios apartar n'aquelle dia!»

Joaquim de Lemos.

O TEU LIVRO

O teu livro, Maria, a tua vida tem o perfume suave d'uma flor desdobrada no seio d'uma aurora, nas regiões chimericas do amor!

Mas não julgues isento de tormentos o lago chrystallino dos amores; ha ondas de revolta tempestade que arrebatam as petalas das flores!

Por isso, junto ao livro perfumado o frio das illusões, terna deidade; fuge a manhã gentil, descem as sombras, e ficam só os cantos da saudade!

D. Isabel Ferreira.

HORAS VAGAS

LOGOGRIPHO

Em dialogo por letras.

A. A. LEÃO MARTINS

Admira-se!? de que?!... 4—1.
— Não m'aperte faz favor?... 4—2
E' porém religioso... 3—4—3—3—2.
— Guarde a honra pr'o senhor!...

Porto.

Narciso d'Albuquerque.

THEATROS

PORTO

Baquet. — Continua em scena o «Moleiro d'Alcalá» sendo muito applaudidos os principaes personagens.

Activam-se os ensaios para a premiere dos «Dragões de Villar».

Principe Real. — N'este theatro vão já muito adiantados os ensaios da opereta «O amor molhado» que brevemente será posta em scena.

Recreios. — O esplendido drama «O Filho da Noite» com que a semana passada se inaugurou a epocha d'este theatro, continua atraindo grande concorrência de espectadores, sendo chamados frequentes vezes á scena e applaudidos com entusiasmo os distinctos actores: Taveira, Salazar, Pires, Thereza Aço, Dores Aço e Carmen.

N. A.

ANNUNCIOS

Adubo mineral, agricola e anti-phyloxerico

Este adubo tem grande riqueza em carbone, cal, soda, potassa e aluminio, acompanhada de piritas, as quaes tem a propriedade de decompor-se na humidade, formando o sulphureto de carbone natural, sufficientemente conhecido, como remedio anti-phyloxerico, tendo alem d'isso a propriedade de ser um adubo agricola, desenvolvendo admiravelmente as videiras em especial e em geral todas as plantas. Deposito geral, rua Nova de S. Domingos n.º 105.

A APOTHEOSE

JORNAL UNICO COMMEMORATIVO DA INAUGURAÇÃO DA ESTATUA DE D. AFFONSO HENRIQUES

Edição de luxo. Esta magnifica publicação, sob a direcção litteraria do sr. Domingos Guimarães, encontra-se á venda no Porto, na redacção do «Commercio Portuguez» e livraria Lello; em Guimarães, em casa do sr. Domingos Fernandes Guimarães, 70, Toural.

Envia-se a quem mandar a importancia — 120 reis — em estampilhas.

JORNAL DAS SENHORAS

FOLHA LITTERARIA, MENSAL

DIRECTORES

MANOEL DE MOURA E DANIEL D'ABREU JUNIOR

Colaborado por escriptores de merecimento

ASSIGNATURA

Anno 600

(Pagamento antes de ser publicado o segundo n.º)

Os primeiros 40 assignantes receberão como brinde, juntamente com o n.º 2, um exemplar da «Versão da Fabula de Narciso», poemeto de Luiz de Camões, devida á penna de Manoel de Moura.

O 1.º n.º sahirá muito breve. Desde já se recebem assignaturas na redacção, rua do Vasco Gama, Foz do Douro e na rua do Loureiro n.º 58—Porto.

EL SIGLO

Jornal de modas e orgão dos grandes armazens d'este mesmo titulo.

Publica-se em Barcelona nos dias 10, 20 e 30 de cada mez.

Assignatura em Hespanha e Portugal por semestre 4 pesetas, e por anno 7, 50.

SERVIÇO MILITAR

OBRIGATORIO E PESSOAL

APPROVADO POR CARTA DE LEI DE 12 DE SETEMBRO DE 1887

COM AS TABELLAS DAS ISENÇÕES

PREÇO 100 REIS

Pelo correio francode porte

LIVRARIA ARCHIVO JURIDICO, de A. G. Vieira Paiva, Bomjardim, 67, Porto.

NOVO ALMANACH PORTUENSE

PARA 1888

A' venda, no fim do mez, em todas as livrarias do Porto e provincias. Pedidos para a rua do Loureiro, 58—Porto.

VIOLETAS

Está no prêlo este livro de sonetos de Manoel de Moura. O seu custo é de 400 réis. Pedidos á administração da «Gazeta Moderna».

PHARMACIA E DROGARIA MEDICINAL

DE

FERREIRA & IRMÃO

77, RUA DA BAINHARIA, 79 (3.ª casa acima da esquina da Ponte Nova)

PORTO

DROGAS MEDICINAES, PRODUCTOS CHIMICOS, PHARMACEUTICOS E PHOTOGRAPHICOS

Collecção completa dos granulos dosimetricos de Burgraeve, sedlitz Chanteand e outros productos comprados na casa do auctor. Fabrico de chocolates restaurantes e medicinaes. Especialidades annunciadas nos jornaes e todas aquellas até agora conhecidas na therapeutica. Vaccina ingleza, tinturas para o cabello, copos de quassia. Extracto de carne de Liebig. Ferros e instrumentos cirurgicos, avulso e em em estojos para preço desde 35000 a 305000, podendo modicar se os estojos á vontade em quantidade de ferros e preço, caixas d'autopsia, amputações, uretrotomias molestias d'olhos, e para extrahir os dentes. Forceps, especuluns variados, aparelhos d'Esmarch, machetas e escovas electricas, larygoscopios, seringas para injeções subcutaneas, thermometros clinicos, stetoscopios etc., etc. e estojos vasios. Apparelhos cirurgicos em geral como: algalias, velinhas de prata, estanho, gomma elastica, forma variada. Fundas direitas, esquerdas, de todos os systemas até hoje conhecidos, simples e duplas, para homem, mulher e creanças: ditas sem mola especiaes para creanças 2 mezes a 6 annos. Cintos elasticos para comprimir o ventre, ditos e fundas para rupturas no umbigo de creanças e adultos. Almofadas d'ar para doentes, tubos alimentadores para os ó mesmos. Meias elasticas de linho, algodão e seda, compé e sem pé até ao joelho, cxa e verilha, e em peças isoladas. Suspensorios para os escrotos, escudos e esferas para fontículos; urinoes de diversas formas; bonets para gôlo, passarios de forma variada e vent-sas aspiradoras, etc., etc. Seringas de todos os systemas conhecidos, e borracha para injeções e clysters, da capacidade desde 12 a 1:000 grammas. Seringas e borrachas com canulas para lavatorios vaginaes. Puerisadores para pó e liquidos. Fios de linho; esponjas; ligaduras de tecido elastico; pinceis rectos e curvos articulados com esponja para a garganta. Ma madeiras e bombas para extrahir leite, ditas para collocar nos peitos, telas e siphões de fórmulas muito variadas. Tubos elasticos de diametro desde 1 millimetro a 12 centimetros; dito furado para esgoto de tumores, etc. Thermomeiros para o tempo e para banhos, areometros, alcoometros, densimetros p se-mo-to-s, barometros, microsopios, e lentes, alomfarizes e capsulas de porcella, alampadas a alcool, retortas, balões tubos de vidro, frascos tubulados, provetas, copos graduados e aparelhos para limonadas gazozas.

Vendas por junto e a retalho

DEPOSITO DE VINHOS DO PORTO

CASA DE VILLAR D'ALLEN

237, Rua de Sá da Bandeira, 239

VINHOS DE DIFFERENTES IDADES

300, 400, 500, 600 e 700 réis a garrafa

VINHOS DE COLHEITAS ESPECIAES

800, 900, 15000, 15200, 15500, 15800, 25000 e 35800 a garrafa

MALVAZIA, MOSCATEL, BASTARDO E MOURISCO

Douro Clarete, 160 réis a garrafa

OS PREÇOS SUPRA INCLUEM A GARRAFA

VINHOS DA UNIÃO VINICOLA PORTUGUEZA

Douro, sobremeza	(garrafa) réis	220
Douro, sobremeza, secco	» »	200
Douro, meza, claro	» »	160
Douro, meza, secco	» »	140
Douro, natural	» »	100
Vinho alimentar	» »	80
Minho clarete	» »	80

PREÇO SEM GARRAFA

237—Rua do Sá da Bandeira—239

AGENCIA COMMERCIAL NO PORTO

PROPRIETARIOS

MAYA & C.^A

GERENTE

José Antonio Pereira Maya

81, Rua de Bellomonte, 83

PORTO

Encarrega-se da collocação de capitães. Compra e venda de predios, e de papeis de credito; emprestimos sobre hypothecas.

Encarrega-se da cobrança de dividas, tanto n'esta cidade como fóra do Porto. Liquidam-se heranças, trata-se de inventarios, justificações, habilitações, execuções, embargos, arrestos, recursos de recrutamento, appellações, aggravos, e recursos de revista, e de todas as acções commerciaes, civis ou criminaes; e solicitam-se todos os negocios forenses e de justiça, e dependencias de todos os tribunaes, repartições e secretarias do Porto e Lisboa.

CONTRA A DEBILIDADE

Farinha peitoral ferruginosa da Pharmacia Franco em Belem

Precioso alimento reparador, excellente tonico reconstituinte; esta farinha, a unica privilegiada e legalmente auctorizada, é muito agradável e utilissima para falta de appetite, doenças de peito, para convalescentes, pessoas idosas, creanças, anemias, em geral para os debilitados, qualquer que seja a causa da debilidade.

VINHO NUTRITIVO DE CARNE

Unico legalmente auctorizado pelo governo, e pela junta de saude publica de Portugal, documentos legalizados pelo consul geral do Imperio do Brazil. É muito util na convalescença de todas as doenças; augmenta consideravelmente as forças aos individuos debilitados, e excita o appetite de um modo extraordinario. Um calice d'este vinho, representa um bom bife. Acha-se á venda na Pharmacia Franco, em Belem e nas principaes pharmacias.

CONTRA A TOSSE

XAROPE PEITORAL — JAMES

Unico legalmente auctorizado pelo Conselho de Saude Publica de Portugal, ensaiado e approvado nos hospitaes. Cada frasco está acompanhado de um impresso com as observações dos principaes medicos de Lisboa, reconhecidas pelos consules do Brazil. Vendê-se na Pharmacia Franco em Belem e nas principaes pharmacias.